

# A experimentação

*The trial*

Talita Miranda Ribeiro<sup>1</sup>

Esse artigo expõe dois casos de experiência com a arte, um grupo do ensino médio em contato com a oficina de três meses de teatro e outro grupo com alunos do ensino fundamental I participantes de outra oficina de seis meses de teatro. Os pensamentos de John Dewey dão embasamento teórico para os levantamentos advindo desse trabalho. A arte como experiência e como uma linguagem transformadora dentro do processo de ensino aprendizagem é o que esse artigo vem a sugerir como um relevante debate. Pensando em uma formação integral a arte pode vir a ser uma ferramenta de estímulo ao aluno.

Palavras-chave: Arte. Experiência. Ensino. Linguagem.

*This article presents two cases of experience with art, a group of high school in touch with the workshop three months of drama and another group with students from elementary school to another workshop participants six months in theater. The thoughts of John Dewey provide theoretical basis for withdrawals arising out of this work. Art as experience and as a transformational language in the teaching learning process is what this article is to suggest such an important debate. Thinking of a comprehensive training art can become a tool of encouragement to the student.*

Keywords: Art. Experience. Education. Language.

<sup>1</sup> Mestranda em Cognição e Linguagem – UENF.

“Eu fico com a pureza  
Da resposta das crianças  
É a vida, é bonita  
E é bonita...”  
Gonzaguinha

## Introdução

Viver e não ter a vergonha de ser feliz poderia ser um lema a ser seguido paulatinamente na vida de cada ser humano, pois esse quando assim vive aproveita mais cada instante que não volta atrás. A vida é uma só como todos nós já sabemos. Mas o que se faz com ela, hoje, é um sério motivo para se parar para refletir. O que mais se vê nas mídias locais e nacionais são noticiários que apontam crianças sem estrutura familiar e seus pais perdidos economicamente e socialmente; adolescentes sem estímulo e afundados nos caminhos ilícitos; idosos sendo maltratados; adultos sem perspectivas.

Quando a música de Gonzaguinha se refere no trecho “Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz[...]” ele parece nos apontar a arte de cantar como uma forma de solucionar problemas, como uma ferramenta que leva à evolução ao ensino. Um verso muito cantado pelos brasileiros e que talvez poucos percebam a essência implícita nessas palavras. A interação entre arte e aprendizagem acaba por passar por despercebida. Cantar para aprender. Gonzaguinha em seus simples verbos percebe e grita aos quatro cantos do mundo, com essa tão reconhecida música, o poder que a arte obtém. Interessante perceber nessa questão que a arte se propõe como um enorme valor à formação humana.

A arte como instrumento transformador que gera no indivíduo uma possibilidade de crescimento, mudança, é um direcionamento que ainda poucos profissionais da educação seguem em seus planos de aula, ou até mesmo na vida como um todo. Gonzaguinha ainda completa em seus fortes versos “que a vida devia ser bem melhor e será”, se pararmos para

analisar o poeta traz para a reflexão o estímulo à uma cresça, à esperança. Assim ele coloca em voga o porquê a arte transforma o ser humano, nos fazendo refletir sobre essa relação da arte com a vida, sendo a primeira uma válvula de fomento e de estímulo, que estimula o sujeito a querer sempre mais.

Gonzaguinha, um artista humano, percebe e canta em suas músicas à beleza da vida, ele com um olhar diferenciado consegue essa proeza. O que infelizmente grande parte de nossa sociedade ainda hoje não consegue, talvez por estar excessivamente envolvida pelos compromissos que o capitalismo acaba por nos inserir.

O fazer artístico desperta algo diferente no sujeito. Essa atividade íntima mexe com o indivíduo como um todo, de uma forma integral. E esse vai se sentindo instigado pela vida, que ganha novas cores, novos rumos, novos sentidos. Essa experimentação do artista seja ele famoso ou não, que indefere de classe, cor ou gênero, atua sobre o indivíduo e o eleva em meio à grande massa. Os traços, jeitos, falas e rumos tomados por pessoas que são direta ou indiretamente envolvidas com a arte demonstram certa evolução a cada momento, e esses se destacam perante os demais.

### **Da teoria...**

A partir de 1996 a disciplina arte foi inserida novamente no currículo educacional, atendendo a lei 9.394/96. Na primeira redação da Lei 9.394 de 1996 o que se prescrevia era que: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. A nova redação, promulgada pela Lei 12.287, diz: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da

educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Alteração essa que nos mostra, além da obrigatoriedade da disciplina, a tentativa de valorização da cultura local.

Em atendimento à lei supracitada a arte deve ser ministrada como matéria obrigatória nos diversos níveis da educação básica, no entanto, essa disciplina vem sendo ministrada nas escolas, enfrentando alguns entraves, tais como: a formação precária dos professores que atuam na disciplina, a falta de infraestrutura adequada, e a consequente desvalorização da disciplina no processo de formação dos alunos.

A partir da década de 90, proliferaram os projetos voltados para as políticas públicas de formação para os professores. A educação, de certa maneira, assumiu um papel central como mola propulsora de um país que organizava-se para se constituir numa potência econômica. Entretanto, não é difícil perceber que do ponto de vista da qualidade ainda temos muito o que caminhar na educação. Nunca se ouviu falar tanto em investimentos na área, tema que vem sendo prioridade em todas as esferas políticas. A palavra educação faz parte hoje do vocabulário contínuo dos brasileiros. Verbas são aplicadas na educação em quantidades até então nunca visto, no entanto, não nos parece muito claro existir um plano educacional consistente. Segue como exemplo de investimentos em educação a declaração abaixo.

Dilma diz que educação terá R\$ 112 bilhões dos royalties do petróleo em dez anos

São Paulo – A presidenta Dilma Rousseff garantiu hoje (19), durante cerimônia em São Bernardo do Campo, que os recursos obtidos com a produção de petróleo serão destinados à educação e à saúde. Segundo Dilma, 75% dos royalties irão para a educação e o restante a saúde. “Só seremos uma nação desenvolvida se nós utilizarmos as riquezas finitas que temos, por exemplo os royalties do petróleo e os recursos do Fundo Social do Pré-Sal, na educação. Um país do porte do Brasil só se transforma em uma nação desenvolvida se investir em educação”, disse Dilma.

A falta de um planejamento adequado, e, sobretudo, a dificuldade de compreender que a formação deve preparar o indivíduo para muito além de demandas específicas e instáveis, são pontos ainda nevrálgicos dos princípios de uma proposta pedagógica consistente. Por princípio o mercado volta-se para o acúmulo de riquezas, para a maximização da produção do capital, nos parecendo, não possuir compromisso real com a formação social. É dessa maneira que podemos observar um grande investimento em uma formação cada vez mais volátil, capacitando indivíduos por uma formação específica, prescindindo de uma verdadeira educação básica. Nesse sentido, faz-se relevante repensar a formação humana.

Enviar para as escolas: vídeos documentários em DVDs, fantoches, livros interativos, tintas e pinceis, não significa a certeza da realização das tarefas. Disponibilizar material didático não concretiza o uso do mesmo. Muitas escolas inclusive guardam o material recebido para não perder ou estragar. Os profissionais da educação precisam estar dispostos, autorizados, preparados e cientes das oportunidades para a utilização. O que envolve o íntimo desse profissional, que precisa estar estimulado. O sistema educacional precisa do retorno e um retorno satisfatório para a sociedade, que será mensurado pela qualidade do ensino, que se refletirá no cotidiano do aluno e sua formação e não pela quantidade de alunos que passam pelas escolas.

Em meio à necessidade de mudanças surgem inúmeras tomadas de decisão que sem análise e planejamento, nos parece indicar para a perda do verdadeiro sentido da educação. E a formação de um indivíduo crítico e não repetidor vem se tornando cada vez mais distante em meio a tantas facilidades contemporâneas. Há anos vem se falando que o professor não é mais o detentor do conhecimento, e que esse passou a ser o mediador, aquele que estimula a troca de informação em sala de aula propiciando o conhecimento, e

que junto aprende. Onde está ocorrendo essa interação, essa troca, entre os participantes no processo de ensino?

### **...à realidade desnecessária**

É triste ouvir dos alunos ao saírem de uma aula em que foi debatido um vídeo, frases do tipo: “não teve aula hoje”, “o professor passou só um vídeo”; ou ainda, da própria direção ou coordenação pedagógica quando entende o trabalho do professor de arte como mero decorador, ou simplesmente um organizador de “festinhas na escola”. Esse fato pode ser observado ainda quando os gestores educacionais de nosso país apontam os projetos culturais como mero apêndice do projeto político pedagógico. Apesar de uma suposta sensibilidade pela arte resta saber por qual motivo essas ideias não são incorporados ao currículo, como uma prática constante das atividades pedagógicas. Situações como essas precisam ser revistas para que a disciplina consiga cumprir seu real papel no processo de ensino aprendizagem. Tais atitudes e mudanças podem, sem dúvida nenhuma, agregar pontos positivos à educação de nosso país, contribuindo para um ensino de qualidade.

Outra questão a ser observada se refere à falta de infraestrutura nas escolas, que podem não estar atendendo as reais necessidades da disciplina, como por exemplo, uma sala de aula específica, matéria prima, espaço físico dentre outras questões que podem vir a melhorar as condições de trabalho do professor de arte. A disciplina exige diversos materiais e espaço, como mesas grandes que proporcionam liberdade para o desenvolvimento das tarefas, além do próprio arquivo e exposição das atividades criativas.

Uma outra questão ainda fundamental refere-se à formação desse profissional que, historicamente, luta contra um preconceito implícito no que se refere à disciplina. As

formações oferecidas no sul do estado do Espírito Santo além de poucas não apresentam uma certa preocupação em desenvolver no futuro professor ou naquele que está se atualizando uma visão do verdadeiro potencial da arte. Situação em que a arte é vista, por muitos ainda, como “não-aula”, como um mero “passa tempo”, enfim, como uma “recreação”, se comparada às disciplinas conteudistas. Um contraste que foge completamente aos conceitos e teorias apresentados por Ana Mae Barbosa e John Dewey no que se refere ao potencial que na arte oferece.

### **Realidade que se almeja**

O filósofo e pedagogo norte-americano, John Dewey, em seus estudos e pesquisas sofreu influências de grandes pensadores que o antecederam, como: Platão, Locke, Rousseau, Kant, Hegel, Darwin, Peirce, entre outros. Dewey estimulou pensamentos que vinculam a arte à reforma social, um Pragmatismo nos parece, ainda hoje, muito atual na medida em que defende a experimentação da arte, ele vê na prática das atividades um rumo positivo para a formação humana. É nesse sentido que a estética torna-se muito mais central e significativa quando admitimos que, ao abranger o prático, ao refletir e informar sobre a práxis da vida, ela também diz respeito ao social e ao político.

Segundo Shusterman em seu livro *Viver a Arte* (1998, p. 21), para Dewey, o conceito de arte é muito extenso e aberto, “[...] a noção de experiência estética cobre inúmeros objetos que não temos o hábito de ver como artísticos (por exemplo, arrumação de uma sala ou a atividade esportiva) [...]”. Assim, ao ver de Shusterman, Dewey defende a relevância da arte na vida do ser humano, pois, para ele, ela propicia a experiência estética que leva o indivíduo a praticar sensível. Uma proposta que valoriza muito mais o fazer

artístico do que o produto final, a obra prima em si. O vivenciar a arte em nosso dia a dia, para os teóricos, propicia o desenvolvimento humano.

De acordo com Dewey separar arte e vida é um problema, um desvio formativo, assim, ele defende a inter-relação entre o prático e o cognitivo, sem perder a estética, e para ele a Arte assume esse papel de moldar um todo integrado, nessa perspectiva. E ele define que tal experiência sempre depende de percepções prévias, orientações preexistentes, o que eleva o indivíduo: “[...] a criação artística é em si uma experiência intensa, que forma tanto o artista como a obra.” (SHUSTERMAN, 1998, p.47) A teoria de Dewey vislumbra na Arte a possibilidade de uma elevada experiência estética, contrapondo-se às limitações penosas das práticas artísticas institucionais.

A leitura do livro Arte como Experiência de John Dewey contrapondo com as interpretações de Shusterman nos mostram que a arte e, sobretudo para nós, o seu ensino, não pode acontecer numa perspectiva puramente cognitivista. As análises desses autores nos dão oportunidade de repensar a função da arte na sociedade, cotejando com a própria concepção de arte em Theodor Adorno, expoente da escola de Frankfurt. Shusterman (1998, p. 11) nos mostra, como ele mesmo denomina, “[...] as profundas afinidades existentes entre a estética pragmatista e a da Escola de Frankfurt.” Em que ambas “[...] compartilham a ênfase que o pragmatismo coloca na dimensão dinâmica e experimental da arte, rejeitando sua concepção enquanto fetiche.” (SHUSTERMAN, 1998, p.11) Além disso, convoca algumas temáticas tais como: a falsa distinção entre arte erudita e arte popular, a necessidade da arte, a arte engajada ou a “arte pela arte”. São temas a serem tangencialmente discutidos, mas sempre com vistas as suas consequências no que se refere à formação do educador.

**Experiências: Em uma escola estadual de Marataízes/ES**

Uma experiência vivida em 2014 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio em Marataízes – ES nos mostra claramente uma considerável evolução no que se refere aos alunos da instituição. Adolescentes um tanto desestimulados sem perspectivas e rumos, se tornando seres decididos, criativos, que começam a sair da passividade de morar numa cidade praiana do interior e dão grandes passos para ter opinião e voz. A reflexão e criticidade afloram após o contato de três meses com uma oficina de teatro, realizada com cerca de 12 alunos na escola.

A montagem da peça “Família Composta” de Pellegrini, apresentada no Teatro Municipal da Cidade pólo do sul do Estado, Cachoeiro de Itapemirim, foi o ponto culminante desse trabalho e que brindou o grupo com o segundo lugar na Mostra Estadual de Teatro da Superintendência Estadual de Educação/2014.



Figura 1. Momentos antes da apresentação.  
Foto: Lydiana Souza

Muitas mudanças puderam ser observadas nesses alunos participantes: uma dedicação antes não vista; um prazer de estar ali na instituição escolar que motiva até o professor; disposição e foco como se almeja que todos os alunos de uma instituição escolar apresentem. O fazer artístico movendo alunos.



Figura 2. Concentração e vontade.  
Foto: Lydiana Souza

Um exemplo de companheirismo, trabalho em grupo, ajuda mutua, empolgação e crecça em si, que não pode se deixar passar por despercebido. Quem viu, nem que fosse um dia, esses alunos na escola esperando pelo inicio do ensaio, ou na sala ensaiando, ou no teatro se preparando... sabe o que estou falando. Adolescência é uma fase de vida que até então é tachada pela rebeldia e desinteresse. Mas esse grupo, que nem se conhecia, pois envolveu alunos dos dois turnos da escola, vespertino e matutino; uma grupo ainda que nunca havia pisado no palco de um teatro. Onde estava a rebeldia em não querer participar?

Onde estava o medo que os impediu de se apresentar? Arrasaram. Pois a arte propicia esse crescimento individual, que de pouco em pouco vai se difundindo no meio em que se vive.



Figura 3. A energia da vitória.  
Foto: Lydiana Souza

A vitória é certa quando a arte se faz presente. Não pensando em um título ou em uma medalha, mas quando o foco principal é a evolução humana. Um ser sensível a tudo e a todos é o que a arte pode vir a gerar no sujeito. Essa sensibilidade pode ser despertada através do contato com o fazer artístico, esse contato John Dewey chama de experiência. Para ele a arte é experiência. O foco não é e nem deve ser o produto final, a obra de arte, uma bela pintura ou belo poema, o troféu ou a classificação, mas sim a evolução interior de cada ser, na própria transformação. Para o filósofo a interação do indivíduo com a arte é onde se tem a possibilidade de evolução, de recriação, de reflexão, e é nessa experiência vivida que está o verdadeiro sentido da arte.

## **Em uma escola municipal de Cachoeiro de Itapemirim/ES**

Unindo arte e educação talvez possamos encontrar um caminho mais prazeroso para a ressignificação do cotidiano escolar. Atividades que trabalham a sensibilidade humana propiciando um aprendizado marcante, visando uma educação mais prazerosa e interessante ao aluno. Esse olhar especial para a Arte possibilitaria transformações enormes no sistema escolar. Utilizar a Arte em sala de aula, frequentemente nas escolas, para o que quer que seja preparará os alunos para a vida, uma formação integral que habilitará o aluno para o vestibular, para o trabalho, para ser gente.

Outro exemplo de potencial vivido que a Arte oferece ao ser humano é o Projeto Mais Cultura na Escola que acontece na Escola Municipal de Monte Alegre, distrito de Cachoeiro de Itapemirim. Uma comunidade Quilombola, localizada há 20 quilômetros da cidade. Uma localização bem restrita e isolada. O trabalho rural é predominante e a religião e cultura são de descendência afro-brasileira. Carência seria a palavra que pode resumir essa experiência que vem sendo realizada.

Nesse segundo relato o público específico é muito diferente da primeira experiência descrita acima com os alunos de Marataízes. Crianças, negras e classe social desfavorável, em sua maioria, diferente dos adolescentes, classe social e raça mescladas. Mas há algo idêntico, ambos os grupos experimentando o fazer artístico. O teatro como expressão da arte sendo trabalhado como uma questão extracurricular.

Atividades corporais e cognitivas que envolvem do teatro a dança, mímicas e estatuas são colocadas em prática com proposições. Seja no terreiro, no barracão ou no campo de futebol, o envolvimento é enorme, alunos que não faltam e que esperam ansiosos as aulas de quinta-feira a tarde.



Figura 4. Aula no campo de futebol.  
Foto: Uediane Lins

A troca de carinho e atenção vem os tornando perceptíveis de quem são, onde estão e aonde querem chegar. É fato que esses por serem mais novos têm uma análise um pouco mais superficial a princípio do sentido da oficina. Mas são nos gestos, comportamentos e indagações dos mesmos que já se observa uma noção e rumo de vida sendo traçados.

E o andamento e os resultados? No que se refere a estímulo, a interesse, a participação, é clara a percepção de evolução dos alunos como na primeira experiência relatada acima.

Alunos que nunca haviam entrado no teatro, foram levados a um passeio cultural ao Teatro Municipal de Guaçuí no Festival Nacional de Teatro e esses, alunos de difícil comportamento, se comportaram como nunca se havia visto antes para assistir a peça paulista infantil, sem gritos ou falta de educação. A magia do teatro os prendeu em total atenção.



Figura 5. Primeiro Passeio Cultural.  
Foto: Talita Miranda

Os passeios culturais são mensais, objetivando novas possibilidades a esses alunos, vivências diferentes que ocasionam, com intuito, a reflexão do que se tem e se vive, com o que se pode ter e se viver, um contraste com as diferenças existentes nas culturas que nos tornam múltiplos. Propicia o repensar das diferenças não como julgamento de melhor ou pior, mas diferenças como possibilidades e cada uma com seu valor. Já os encontros da oficina de teatro são semanais, onde são desenvolvidas atividades artísticas em que os alunos são os protagonistas visando trabalhar o lado sensível dessas crianças. As possibilidades diversas criadas em meio à realidade deles culminam sempre em objetivos de percepção e transformação.



Figura 6. Estátuas  
Foto: Uediane Lins

## Considerações Finais

Como não dizer que John Dewey em sua teoria não está certo sobre o valor da experiência na vida do ser humano? Como desvalorizar a arte e não se apropriar dela nas instituições escolares? São questões que possibilitam reflexões. Nos dois casos acima citados o rosto dos participantes das experiências, com seus semblantes mais leves e sorridentes, como pode ser observados nas fotos dispostas nesses trabalhos, e o interesse pela vida e a crença na esperança de um mundo melhor podem nos remeter ao valor verdadeiro que a arte pode oferecer na vida do ser humano.

Possibilidades como essas poderiam ser mais bem trabalhadas seja em sala de aula ou em projetos no cotidiano escolar. Outras instituições como igrejas, empresas vêm também observando o potencial da arte e a inserindo, cada um a seu modo e adequação, em

meio à suas atividades tradicionais. A beleza da vida é exaltada pela arte, é fato, para quem vive essa experiência.

Acredita-se que uma formação ampla do aluno é o que se deve ser focado nas instituições escolares, possibilitando o desenvolvimento no aluno do aspecto cognitivo, mas também o sensitivo. Uma preparação integral visa atender a qualquer exigência do mundo. Não se pode renegar algo que Platão, já em seu século, afirmou sobre a relevância da formação integral e ainda, como exemplo, inseriu no sistema educacional da época a música e a poesia, visando essa formação.

### Referências:

- ALMEIDA, Aires. **O que é arte? Três teorias sobre um problema central da estética**. 01 set. 2000. Disponível em: <[http://criticanarede.com/fil\\_tresteoriasda\\_arte.html](http://criticanarede.com/fil_tresteoriasda_arte.html)> Acesso em: 22 set. 2010.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares. **Recorte e colagem: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1989.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. 2. ed. Brasília, DF: MEC, Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2000. 10 v. ISBN 8586584703(v.1) Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-50-a-80-serie\\_s&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-50-a-80-serie_s&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859)>. Acesso em : 12 ago. 2010.
- DEWEY, John. **A arte como experiência**. In: Os Pensadores; tradução Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. Abril Cultural, 1980.
- NASCIMENTO, Giovane. **Saberes Plurais: educação, leitura e escola**. In: 1ª Ed. Opção Editora, 2012.
- SCALÉA, Neuse Schilaro; SANTA ROSA, Nereide Schilaro. **Arte-Educação para Professores: Teoria e prática na visitação escolar**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2006.
- SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a Arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. Tradução: Gisele Domschke. São Paulo: Ed. 34, 1998.